

RAÇA E POLÍTICA: O BRASIL VISTO PELA REVISTA *THE CRISIS* DURANTE O ESTADO NOVO (1937-1945)

Lindercy Francisco Tomé De Souza Lins
Departamento de História – UERN – Mossoró
lindercy@gmail.com

A Revista *The Crisis*, fundada pelo professor W.E.B Du Bois, ícone do pan-africanismo, representa um universo de várias publicações sobre os afro-americanos no século XX. Na década de 1910, a recém-fundada *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP)ⁱ - necessitava criar um espaço de produção e divulgação de seus ideais a fim de promover o negro norte-americano como cidadão nos EUA. A missão foi incumbida ao “*estudioso, professor, historiador e porta-voz para o mundo raças mais escuras.*” (MOON, 1970: 321) William Edward Burghardt Du Bois, já com experiência na área, fundador de duas publicações anteriores – *Moon Illustrated Weekly*, publicado em Memphis, 1906, e *Horizon: Journal of Color*, publicado em Washington, DC, 1907-1910.- (TEBBEL & ZUCKERMAN, 1991:136). Assim nascia *The Crisis: A Record of the Darker Races*, a mais longeva publicação dos e sobre os negros, ainda em publicação.

No editorial do primeiro número da revista, o Dr. Du Bois definiu a política e indicou as metas da revista:

O objetivo desta publicação é estabelecer os factos e argumentos que mostram o perigo do preconceito racial, especialmente no que se manifesta hoje em relação às pessoas de cor. Ela leva o seu nome ao facto de que os editores acreditam que este é um momento crítico na história do progresso dos homens. Catolicidade e tolerância, razão e paciência podem hoje realizar o sonho do velho mundo da humanidade fraterna, enquanto que a intolerância e o preconceito, enfatizaram a forte consciência de raça podem repetir a história terrível do contato das nações e dos grupos no passado. Nós nos esforçamos para uma visão maior e mais ampla de paz e boa vontadeii. (MOON, 1970: 322)

W.E.B Du Bois exprime o pensamento da intelectualidade engajada nos direitos civis, *The Crisis* vinha na contramão da política anti-miscigenação estadunidense, objetivando lutar em duas frentes ao mesmo tempo: combater o preconceito, mormente às leis racistas que se espalhavam pelos estados nos EUA, como também promover o negro, por meio da educação, a um status de cidadão de primeira categoria.

A revista logo tornou-se grande sucesso, com tiragens de 20.000 a 50.000

exemplares na década de 1930 e 1940. A fórmula era simples: belas capas, retratando a beleza e a arte da população negra, artigos curtos, porém profundos, com temas que versavam a produção literária, política, modos de vida e história dos negros nos EUA e ao redor do planeta.

Du Bois, cuja alma condensara-se na revista, deixou sua direção em 1934 devido a um artigo polêmico que afirmara combater a segregação com segregação (“*fighting segregation with segregation*”), sendo substituído por Walter White na direção geral e Roy Wilkins na chefia de edição. Du Bois continuou sua luta, filiando-se ao Partido Comunista dos EUA, polemizando no seio do movimento negro, desiluiu-se com a América, mudando-se para Gana, onde morreu em 1963. (CRUNDEN, s/d: 230)

Em meio à luta cotidiana pelos direitos civis, mal-assegurados pelas emendas 13, 14 e 15 da Constituição, seriamente atacadas por decisões judiciais e por leis “não-escritas” (*unwritten laws*) racistas, mormente, no sul dos EUA (GOMES, 2001: 501), os intelectuais afro-americanos procuravam exemplos em outras realidades a fim de incentivar os embates contra ações racistas em solo estadunidense. *The Crisis* escolheu o Brasil como um exemplo de convivência harmônica de brancos e negros, despertando interesse dos intelectuais ligados aos direitos civis de *The Crisis* em entender o Brasil, sua cultura e famosa “democracia racial”, tão pregada nos discursos das autoridades Estado-novistas.

Por isso, o Brasil foi retratado por diversas vezes ao longo da trajetória do periódico, de maneira positiva, mesmo antes das ações do *Office of the Coordinator of Inter-American Affairs* (OCIAA), durante a política de boa vizinhança. O responsável pela maioria das matérias acerca do Brasil foi James W. Ivy, segundo Zina Rodriguez:

Ivy foi um homem multi-línguas do mundo, muitos de seus editoriais tratavam do problema do negro no planeta, sobretudo em Cuba, Brasil e nas Índias Ocidentais, os horrores do colonialismo europeu e o movimento de independência da Indonésia. O perfil de ajuda ecumênica da NAACP, inspirou a criação de associações de direitos civis no Brasil e Japão (Revista *The Crisis*, julho/agosto de 2000. pag 72 -73)

Em janeiro de 1937, antes, portanto, do Estado Novo, *The Crisis* publica editorial mensal tecendo críticas ao provável preconceito propagado pela revista *Life* (um grande sucesso editorial dos EUA) sobre o Brasil. A referida revista tratou da suposta “incurável preguiça” dos *encantadores brasileiros* e esse fator, segundo *Life*, deveu-se aos conquistadores portugueses não trazerem suas esposas, casando-se com índias, cujos descendentes juntaram-se com sangue dos escravos negros. A mistura não teria dado certo, por conta disso, o país estaria perdendo seus negócios de açúcar e borracha

por pura preguiça ante as raças mais “enérgicas” ou “trabalhadoras”.

The Crisis contra-argumentou afirmando que se existe essa suposta incurável preguiça assemelhar-se-ia à dos brancos pobres e aristocratas dos Sul dos EUA, portanto, seria uma característica climática e não racial. Além do mais, *The Crisis* teceu uma série de elogios à política racial brasileira, onde negros votavam e detinham direitos iguais em relação aos brancos. No fim do editorial fica clara a visão política da revista *The Crisis*:

É porque há igualdade social absoluta no Brasil que é, ao lado de Rússia, a maior democracia do planeta. Nossa grande república tem tido por muito tempo uma oportunidade de levar o mundo a este respeito, mas não teve a coragem, nem a visão para o fazer. Temos uma noção, também, que é menos condenável cultivar a preguiça do que tolerar linchamento (The Crisis, janeiro de 1937 p 19)ⁱⁱⁱ

O editorial denuncia claramente a política racista empregada nos EUA (*one drop rule*) – uma gota de sangue não-branco contaminaria seu portador -, excluindo-o da raça branca (MAGNOLI, 2009:120), preceito esse utilizado em muitos estados norte-americanos, com objetivo de proibir casamentos inter-raciais, o que resultou num aumento, ou reincidência, de todo modo, da política de perseguição e linchamentos praticados por organizações racistas conhecidas como a *Klu Klux Klan* contra os afro-americanos.

O interesse pelo Brasil chega ao ponto da tentativa de incluir o sangue negro na família Bourbon, quando J.A Rogers escreveu em artigo intitulado “ A supressão da História do Negro”, em maio de 1940, o autor comenta sobre uma pergunta pitoresca que fizera a um professor que realizava uma leitura sobre o Brasil. Rogers indagou ao mestre se D. João VI era negro, recebeu como resposta um sonoro: “impossível, ele não era negro. É um Bourbon!” Rogers insistira com o professor aludindo a uma citação da duquesa d’Abrantés, - escritora, esposa do embaixador francês na corte joanina - , que se referia a D. João com as seguintes características: “*sua enorme cabeça com seu cabelo de negro, estava perfeitamente em harmonia com os lábios grossos, nariz africano e cor de sua pele*”, além desse argumento antropológico da duquesa, Rogers sentenciou sobre a quantidade de negros em Portugal e que o retrato de D.João correspondia a descrição da duquesa, que conhecera os negros antes de chegar ao Brasil, posto que ela esteve no Haiti. Apesar da insistência, nada convecia ao professor que o repreendeu: “ *Não, ele não era negro, ele tinha adenóides*”, justificando o formato das narinas reais.

Em fevereiro de 1944, James Ivy publicou em *The Crisis* reportagem ilustrada com seis páginas sobre o Brasil, sob o título, em letras garrafais: “*Brasil: onde os negros são integrados*”. Com um olhar estrangeiro acerca do tema, o Brasil é descrito minuciosamente, sentenciado como “*muitos Brasis*”, trazendo um panorama geográfico-econômico das regiões brasileiras, comparando São Paulo, por exemplo, com qualquer cidade norte-americana, objetivando fomentar a curiosidade do leitor norte-americano, descrevendo a economia cafeeira e açucareira como sustentáculos da nação. É elogiada a mistura das raças provenientes do contato entre indígenas, portugueses e diversas nações africanas por essas terras, formando um mosaico de caboclos, caborés e mulatos nesse universo mestiço. Quantos negros existem no Brasil? Perguntou o articulista - não há como separar brancos de não-brancos no Brasil, um mulato claro pode ser considerado branco no Brasil, mas seria um negro nos EUA. Estima-se em 40% o número de negros no Brasil. O autor concluiu com citação de Gilberto Freyre: “*cada branco, mesmo os louros, tem a alma, senão no próprio corpo a marca dos negros*”. (The Crisis, fev de 1944. p 41).

A integração é ilustrada em diversas fotografias, todas cedidas pela Agência *Three Lions*, infelizmente, não foi possível, até o momento, identificar com precisão a fornecedora de fotos, porém, vale destacar que todas as fotografias se assemelham ao estilo documentarista de Genevieve Naylor, fotógrafa estadunidense com ampla produção no Brasil durante a década de 1940 (MAUAD & PIMENTEL, 2009: 498-502).

Dentre as fotografias, uma delas mostra um sargento negro comandando uma pequena tropa, com a seguinte legenda: “*diferente dos EUA, O Brasil não separa brancos e negros das tropas. Há um sargento negro liderando vários recrutas brancos na noite*”. Em outras, crianças de diversos tons de pele unidas na hora do recreio escolar, James Ivy não deixou de retratar várias formas de trabalho e diversão dos negros no Brasil, como o carnaval, “*já muito conhecido nos EUA*” e atividades econômicas, desde agricultores, preparando a terra para as “queimadas”, passando por salineiros em Fortaleza a guardas de trânsito, com legendas comparativas da vida no Brasil e nos EUA. Talvez o articulista quisesse responder ao artigo de *Life*, escrito anos antes, onde era lamentada a miscigenação brasileira.

As fotos e o texto evidenciam ao historiador o tipo de integração que ocorrera no Brasil. Ao analisar as fotos, vê-se os negros em profissões de baixa remuneração, mascara-se também o discurso Varguista sobre o negro, conforme interessante análise

de Jerry Dávila, onde a ideologia do branqueamento esteve presente no Brasil, as vezes de maneira exarcebada no discurso de autoridades e intelectuais arianistas ou sorrateira, seguindo um padrão científico, trazido dos Estados Unidos por autoridades, a exemplo do educador Anísio Teixeira, como foi o caso do gradativo “branqueamento” das professoras formadas pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro, na década de 1940. (DÁVILA, 2006: 192-196)

A obra “Casa Grande e Senzala” também foi comentada pelo próprio James Ivy, em extensa matéria, publicada na edição de maio de 1941, o autor analisa e compara a influência do negro no Brasil com o Sul dos EUA. No texto, história, cultura e política do Brasil foram debatidas. Acerca da miscigenação, Ivy faz a comparação: “*nos EUA, um branco com ancestral negro é considerado negro, já no Brasil, um negro com ascenstralidade branca, é considerado branco. São definições idiotas, mas a prática brasileira, é certamente, mais humana*”. A conclusão de Ivy, por uma lado, revela uma faceta racista brasileira, por outro, reforça o fascínio deste intelectual pelo Brasil:

É claro que é impossível em uma resenha propiciar ao leitor uma idéia adequada da imensa amplitude e interpretação inteligente de documentos que é a Casa-Grande. Tudo o que um crítico pode fazer é a alusão à natureza germinal do livro, seu humor, seu liberalismo, livre de preconceitos, e imensa gratidão ao negro pelo que ele fez pela cultura brasileira. (The Crisis, maio de 1941. p 174)iv

Inegável a influência dos estudos de Gilberto Freyre no círculo da intelectualidade estadunidense, não apenas Freyre, mas toda a política do Estado Novo em propagandear a integração da raça, tenha surtido efeito aos engajados nos direitos civis dos negros nos EUA, conforme a escrita de James Ivy expressou. De fato, “Casa Grande & Senzala” revolucionou a historiografia da época ao retratar o negro como componente fundamental no processo formativo da identidade nacional.

O artigo mais interessante refere-se a análise do livro “ O Estado Nacional” de Francisco Campos, escrita por James W. Ivy em julho de 1941. A primeira questão tratou-se na caracterização do regime político brasileiro. Nele, o articulista argumentava:

Quando eu ouvi pela primeira vez que o Brasil tinha sido totalitário, eu naturalmente perguntei se foi adotada a ideologia nazista “tal e qual” . Eu também perguntei se, já que o [país] provavelmente tem a mistura étnica mais *heterogênea* de uma nação moderna, também tinha aderido completamente ao absurdo racial nazista do arianismo (The Crisis, julho de 1941. p 235)v

O autor questionou como o Brasil, país que adotou uma ideologia totalitária, semelhante ao nazi-fascismo, resolveria a questão racial em meio a miscigenação, tão

característica de sua população. Apesar das propagandas girarem no sentido de afirmar que o Brasil era aliado do nazi-fascismo, referendadas pelas posturas ambíguas dos discursos de Vargas sobre o papel brasileiro na Segunda Guerra Mundial (BANDEIRA, 2007:377), bem como da repercussão negativa do golpe de 1937 na imprensa estadunidense, James Ivy insistiu em compreender qual era a natureza do Estado Novo. Ele argumentou que o Brasil - assim como as nações da América Latina - não teria sido democracia moderna, sendo, portanto, improvável remover o “feudalismo” dos séculos XV e XVI “da noite para o dia”. O modo de vida estabelecido pelos portugueses ainda persistira, os fazendeiros controlavam a política e a economia nacionais. Sobre a política da época, o autor elogiou Vargas:

Getúlio Vargas é talvez um pouco mais ousado, ou devo dizer um pouco mais honesto? Do que seus colegas caudilhos em reconhecer publicamente a quase-legalidade da natureza do direito. Vargas, naturalmente, não é o ideólogo do seu regime.vii

O ideólogo, na opinião do articulista, era o Ministro da Justiça Francisco Campos, autor da Constituição de 1937, cujos discursos, entre 1935 e 1939, foram compilados no livro “O Estado Nacional: sua estrutura e conteúdo ideológico”. Objeto de análise do autor, tendo sido seu primeiro capítulo- uma palestra proferida na Escola de Belas Artes em 28 de setembro de 1935, intitulada “Política e Nosso Tempo”- texto importante nas reflexões de James Ivy

Este primeiro capítulo aponta para o fato óbvio que a “democracia liberal” contemporânea está em bancarrota. Como o autor ironicamente observada: “O princípio da liberdade individual, fez o forte, mais forte e os fracos, mais fracos. No entanto, o princípio da liberdade individual não garante a ninguém o direito ao trabalho, à segurança ou educação”. Ele também acrescenta: “as formas da vida política parlamentar são destituídos hoje, de todo o conteúdo e significado espiritual”. (The Crisis, julho de 1941. p 235)viii

Interessante observar que o pensamento de Campos, ora aceito por Ivy, foi bastante difundido nos EUA pós-crise de 1929 e durante boa parte da década de 1930: a descrença do sistema político e certa simpatia de setores intelectuais pela forma autoritária de governar. Michael Schudson exemplifica com a fala do Presidente da República dos EUA Nicholas Murray Butler,- quando este afirmara numa palestra aos calouros da Universidade de Columbia, - que haveriam dois métodos de governar no século XX: democracia e ditadura, sendo o segundo melhor pois concederia autoridade e poder a homens muito mais inteligentes, de caráter muito mais forte e corajosos, ante os eleitos (SCHUDSON, 2010:145). Félix Frankfurter escrevia que: “*epitáfios para a democracia são a moda do dia*”. São apenas exemplos de vários homens públicos e

formadores de opinião que expressaram o pessimismo pelo regime democrático. O interessante é que a opinião de James Ivy é datada da década de 1940, num momento distinto dos autores anteriores, em que era flagrante a pressão e o engajamento político contra os regimes fascistas, em pleno fervor da Segunda Guerra Mundial.

Outro argumento de Campos sobre o qual *“O Estado e a sociedade modernas são muito complexas para serem geridos por uma sociedade de debates, as massas são incompetentes para decidir sobre as questões técnicas de governo e da economia”*, casa-se com o pensamento do articulista Water Lippmann, na obra *“o público fantasma”* de 1925: *“questões públicas não são questões do cidadão privado”* e *“não há sabedoria especial na vontade da maioria. Ao contrário, é mais provável encontrar sabedoria entre os iniciados, especialistas na prática de governar”*. (SCHUNDSON, 2010: 147)

Apesar da crítica ao desfecho da democracia brasileira, a questão racial amacia o discurso de James Ivy, como se a integração racial bastasse por si mesma para a promoção da democracia política:

Os velhos poderes e deveres do parlamento, sob a nova Constituição brasileira, foram seriamente ameaçadas. Ao contrário da Alemanha nazista, os brasileiros de ambos os sexos ainda mantêm o direito de sufrágio, a liberdade de expressão, reunião e imprensa, mas com certas limitações. (The Crisis, julho de 1941. p 235)ix

O articulista, ironicamente, observa os dispositivos elaborados pela Constituição de Francisco Campos, no qual cria mecanismos pseudo-democráticos para disfarçar a ditadura que se seguia:

É interessante notar que a Constituição (artigo 80) diz que "O mandato presidencial é de seis anos." Que uma das prerrogativas do Presidente (art. 75a) é " nomear um dos candidatos à Presidência da República ". Que o Presidente "da República, atualmente em exercício [Vargas], tem esse prazo prorrogado até o plebiscito, previsto no artigo 187, tem lugar, mas esse plebiscito pode ser chamado apenas pelo Presidente (art. 187) muito inteligente, não é? (The Crisis, julho de 1941. p 235)x

A leitura é óbvia: Vargas mantém o poder sob seu controle, pois todas as ações práticas para a elaboração de eleições, dependia, necessariamente, pelo detentor do cargo presidencial, o próprio Getúlio, o menos interessado em qualquer mudança política. James Ivy definiu com clareza o sistema político-econômico brasileiro, ao compará-lo com outras nações que adotavam políticas anti-liberais semelhantes:

Não é necessário insistir que o Estado brasileiro, é democrático, e ao mesmo tempo, autoritário e totalitário, a autoridade suprema foi investida ao

Presidente da República, que a exerce em nome do povo e no interesse de seu bem-estar ". (...) Uma coisa é certa, o regime de Getúlio Vargas certamente não é um regime fascista no sentido europeu. Parece uma concepção e aplicação brasileira. (...) Nem a Constituição Brasileira nem o Estado Nacional mencionam o absurdo racial dos nazistas. Há referências a "raça brasileira" [a Raça Brasileira, escrito em português], mas a raça é usada no sentido de nacionalidade. Muitas das sugestões e esquemas de Campos já são aceitos como parte de nosso próprio *New Deal*, embora sob escrita estrita, tais argumentos são convincentemente avançados. Quer você concorde com o autor ou não, suas opiniões e idéias são pensamentos sérios e valem a pena. (The Crisis, julho de 1941. p 235)xi

Parafraseado o James Ivy: quer você concorde ou não com a visão positiva de *The Crisis* sobre a política racial brasileira, certamente, esse ponto de vista foi lido e reinterpretado pelo público leitor da revista, trazendo, de todo modo, um panorama positivo sobre a brasilidade e sua política, contribuindo para alimentar as relações Brasil-Estados Unidos. Para *The Crisis*, a discussão racial não se desvincula da natureza política da sociedade, sob ótica dos intelectuais engajados, o Brasil tornara-se um *falso fausto*, apropriando-se da expressão de Laura de Mello e Souza, na obra “os desclassificados do ouro”, para a concretização da tão sonhada cidadania dos negros americanos.

-
- i Associação Nacional para o avanço das pessoas de cor é a maior e mais antiga sociedade para a promoção dos direitos civis dos negros. <http://www.naacp.org/content/main>
 - ii The object of this publication is to set forth those facts and arguments which show the danger of race prejudice, particularly as manifested today toward colored people. It takes its name from the fact that the editors believe that this is a critical time in the history of the advancement of men. Catholicity and tolerance, reason and forbearance can today make the world-old dream of human brotherhood approach realization; while bigotry and prejudice, emphasized race consciousness and force can repeat the awful history of the contact of nations and groups in the past. We strive for this higher and broader vision of Peace and Good Will.
 - iii It is because there is absolute social equality in Brazil that it is, next to Russia, the greatest democracy on earth. Our vast republic has long had an opportunity to lead the world in this respect, but it has had neither the courage nor the vision to do só.
We have a notion, too, that it is less reprehensible to cultivate laziness than to tolerate lynching
 - iv it is of course impossible in a review to give the reader an adequate idea of the immense sweep and intelligent interpretation of materials which is the casa-grande. All that a reviewer can do is to hint at the germinal nature of the book, its humor, its liberalism, its freedom from prejudice, and its imense thanks to the negro for what he has done for brazilian culture
 - v When I first heard that Brazil had gone totalitarian, I naturally wondered if she had adopted the Nazi ideology hook-line-and-sinker. I also wondered if she, since she probably has the most heterogeneous ethnic mixture of any modern nation, had also gone in completely for the Nazi racial nonsense of Aryanism.
 - vi Exemplifica-se com algumas manchetes dos jornais pesquisados. **Chicago Tribune:** Head Of Brazil Moves To Create Dictator Rule Corporate State Planned in New Constitution. (Chefe do Brasil move-se para criar regras ditatoriais. Estado Corporativo é planejado na nova constituição) 10/11/37; Brazil Chief Sets Up Dictatorship; Shuts Congress Suspends Payment on All Foreign Debts. (Chefe brasileiro estabelece uma ditadura;fecha o Congresso e suspende todos os pagamentos estrangeiros) 11/11/1937; **Los Angeles Times:** Brazil and Fascism (Brasil e o Fascismo) 08/04/1938; **The Washington Post** : Vargas Stays "Indefinitely." (*Vargas permanece "indefinidamente"*) 11/11/1937; *The New York Times:* Brazilians Seem Happy, Reporter Says on Phone (*os brasileiros parecem felizes, conta nosso repórter por telefone*) 10/11/1937; *Congress Is Ended; State Bodies Dissolved as*

-
- New Constitution Is Promulgated (Congresso é fechado; órgãos de Estado são dissolvidos com a promulgação da nova constituição) 11/11/1937;
- vii Getulio Vargas is perhaps a little bolder, or, shall I say a little more honest? Than his fellow caudillos in acknowledging publicly and quasi-legally the nature of the rule. Vargas is, of course, not the ideologist of his regime. *The Crisis*, julho de 1941. p 235
- viii This first chapter points out the obvious fact that contemporary “liberal democracy” is bankrupt. As the author ironically observers: “ The principle of the individual liberty made the strong, stronger; and the weak, weaker. Yet the principle of individual liberty guarantees no one the right to work, to security, or an education”. He also adds: “Parliamentary forms of political life are today destitute of all content and spiritual significance”.
- ix The old powers and duties, under the New Brazilian Constitution, of parliament have therefore been seriously curtailed. Unlike Nazi Germany Brazilians of both sexes still retain the right of suffrage, freedom of speech, assembly, and the press, but with certain limitations.
- x It is interesting to note that the Constitution (Art 80) says that “The presidential term of office is six years.” That one of the prerogatives of the President (art 75a) is “to nominate one of the candidates to the Presidency of the Republic”. That the “President of the Republic, actually in office [Vargas], has this term renewed until the plebiscite, referred to in Article 187, takes place; but then this plebiscite can be called only by the President (art 187) very clever, eh?
- xi “it is not necessary to insist that the Brazilian State, while democratic, is at the same time totalitarian and authoritarian, supreme authority being vested in the President of the Republic, who exercises it in the name of the people and in the interest of their welfare”. (...) One thing is sure, the present Vargas regime is certainly not a fascist regime in the European sense. It seems Brazilian in conception and application..(...) Neither the Brazilian Constitution nor The National State mentions the racial nonsense of the Nazis. There are references to “the Brazilian race” (a raça brasileira), but race is used in the sense of nationality. Many of Campos suggestions and schemes are already an accepted part of our own New Deal albeit under strictly written and its arguments cogently advanced. Whether you agree with the author or not, his views and ideas are worth serious thought.

REFERÊNCIAS

- Revista **The Crisis**. Edições de 1937 -1945, 1960, 1970 e 2000. disponíveis on-line em *Google Books*.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Muniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2007. Contexto,2009.
- CRUNDEN. Robert. Uma breve história da cultura americana. Rio de Janeiro: Nordica, S/d.
- DARNTON, Robert. O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- DÁVILA, Jerry. Diploma de brancura – política social e racial no Brasil – 1917-1945. tad. Claudia Sant’Ana Martins. São Paulo: UNESP, 2005.
- GOMES, Heloisa Toller. Vozes em harmonia e conflito na construção da cidadania afro-americana. In: TORRES, Sonia (org.) Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos.Rio de Janeiro: 7 letras, 2001.
- LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2006
- MAGNOLI, Demétrio. Uma gota de sangue – história do preconceito racial. São Paulo: Contexto, 2009.
- MAUAD, Ana Maria & PIMENTEL, Tarsila. A fotógrafa, a cantora e as imagens da boa vizinhança. In: Cultura política, memória e historiografia. Rio de Janeiro: FGV, 2009.
- MOON, Henry Lee. *History of The Crisis. The Crisis*, Novembro, 1970

SCALZO, Marília. *Jornalismo de Revista*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCHUDSON, Michael. *Descobrimo a notícia: uma história social dos jornais nos Estados Unidos*. Trad. Denise Jardim Duarte. Petrópolis: Vozes, 2010

SIRINELLI. *Os intelectuais e a política*. In: *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Editora FGV, 1996.

TEBBEL, John & ZUCKERMAN, Mary Ellen. *The Magazine in America (1741-1990)*. New York: Oxford Press, 1991.

TOTA, Antônio Pedro. *O Imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.